

(quase 50 bilhões de cruzeiros), destinados ao novo programa de assistência externa dos Estados Unidos, cerca de 5 bilhões de dólares (perto de 35 bilhões de cruzeiros) serão oferecidos para os órgãos de segurança de outros países — segundo afirmou recentemente o senador Alan Cranston. O parlamentar norte-americano esclareceu ainda que serão beneficiados 97 governos, dos quais 57 oscilam da 'autocracia ao estado policial'”<sup>86</sup> Ou este: “A pesquisa científica básica está correndo o risco de desaparecer do Brasil: os trabalhos no setor estão praticamente paralisados por falta de verbas, e há agora uma orientação geral ordenando que todos os estudos sejam realizados com vistas ao desenvolvimento tecnológico do país”.<sup>87</sup>

Que o leitor paciente desculpe o excesso das citações; há necessidade, em certas circunstâncias, de apoiar-se o arrazoado em dados, em passar do geral ao particular, e há necessidade, para alguns, de mostrar que tudo é sabido, público, conhecido, divulgado na imprensa, ainda que sob censura e apesar dela: é o mínimo que é revelado, pois a realidade do “modelo brasileiro de desenvolvimento”, como gigantesco *iceberg*, só vem aparecendo em parcela mínima. O que vai dito não deriva, pois, de opinião, mas da realidade, e da parte em que ela é pública. O fato é mais contundente, sempre, do que o adjetivo. Mas, aqui, no texto original, existe também uma análise, isto é, passa-se do particular ao geral e deste ao universal. Essa parte é da responsabilidade do autor, e representa a sua maneira de ver.

O ritmo em que a história está marchando, nos dias que estamos vivendo, é de tal ordem que, a curtos intervalos, as situações mudam profundamente. Pode bem ser que entre os dias em que o autor escreve este prefácio e os dias de publicação do livro tenham ocorrido alterações significativas na realidade brasileira. É certo, absolutamente, que elas ocorrerão, sem qualquer possibilidade de idéia de prazos, e profundas, comprovando a verdade aqui dita, em linhas gerais, sobre o “modelo brasileiro de desenvolvimento”. De qualquer maneira, o Brasil não ficará à margem do processo histórico que está afetando tão profundamente o mundo todo e nem será possível permanecer, por força de condições internas também, na situação em que estamos. A forma que a mudança apresentará, seu conteúdo, seus prazos, são problemas que nos escapam. Sem pretender entrar em análises políticas, o autor deseja, apenas, deixar consignado que nenhuma estrutura política resiste a mudanças nas bases econômicas e que o divisor de opiniões, em nosso país, já não é o mesmo de 1964, daí a realidade de quem afirma ser irreversível o processo. A história é sempre irreversível: mas as correntes políticas, no Brasil, não podem ser identificadas se a análise repousar nos dados de 1964 e anos que se seguiram proximalmente. Lentamente, começou a deslocar-se o divisor de opiniões e tendências; hoje, está inteiramente deslocado da posição que tinha em 1964. Isso é elemento positivo, que abre as possibilidades para o retorno, no Brasil, a normas democráticas de atividade política. Que forma assumirão, depende um pouco de cada um de nós.

<sup>86</sup> Em *Opinião*, nº 91, Rio, 5 de agosto de 1974.

<sup>87</sup> No *Jornal do Brasil*, Rio, 4 de agosto de 1974.